



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

POSIÇÃO-SUJEITO UTÓPICO E EFEITOS-SENTIDO DE UTOPIA

Mayara Archieris Amorim¹⁸
(UESB)

Maria da Conceição Fonseca-Silva¹⁹
(UESB)

RESUMO

Neste trabalho, com base em pressupostos teóricos da Análise de Discurso e em contribuições do campo das ciências humanas, sociais e aplicadas, analisamos três sequências discursivas que discursivizam sobre o sujeito pragmático Marina Silva, candidata a presidente da República do Brasil, nas eleições de 2010 e 2014. Os resultados indicaram o funcionamento de uma posição-sujeito utópico imbricada com efeitos-sentido de utopia.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso, Efeito-sujeito, Efeito-sentido.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos parte dos resultados da pesquisa²⁰ desenvolvida no curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que resultou na dissertação

*Mestra em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/CNPq/UESB). mayararchieris@hotmail.com.

¹⁸

**Doutora em Linguística. Programa de Pós Graduação em Linguística e Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/CNPq/UESB). con.fonseca@gmail.com.

¹⁹

²⁰ A pesquisa a que fizemos referência está vinculada ao projeto temático “Discursos sobre o poder político, efeitos sujeito e efeitos sentido em diferentes materialidades significantes”, coordenado pela Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva e vinculado à linha de pesquisa Sentido e Discurso, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

intitulada Posição-sujeito utópico e efeitos-sentido, cujo objetivo foi investigar o movimento discursivo da passagem do sujeito pragmático Marina Silva para a posição-sujeito utópico, e, portanto, sujeito do discurso, e os efeitos-sentido que se constituem nessa posição-sujeito.

Embora haja pesquisas nas diversas áreas do conhecimento sobre a atuação do sujeito pragmático²¹ mulher nas esferas privadas e públicas, temos observado, conforme mostram estudos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/CNP/Uesb), que as pesquisas que dizem respeito ao sujeito pragmático mulher que atua nas esferas do poder executivo, do poder legislativo e do poder judiciário são muito poucas no Brasil. Esse é um dos motivos pelos quais o GPADis tem atuado na investigação sobre como se dá a discursivização sobre sujeitos pragmáticos mulheres que atuam nas esferas de poder político.

Nesse contexto, o trabalho que desenvolvemos objetivou responder à seguinte pergunta: na discursivização da mídia sobre eleições presidenciais de 2010 e 2014, como se dá o movimento discursivo da passagem do sujeito pragmático Marina Silva para a posição-sujeito utópico, e, portanto, sujeito do discurso? Que efeitos-sentido se constituem nessa posição-sujeito, inscritos numa rede de memória discursiva? Formulado o problema de pesquisa, levantamos a seguinte hipótese: O funcionamento discursivo da posição-sujeito-utópico é imbricado pelos efeitos-sentido de utopia, efeitos-sentido de sonho e efeitos-sentido de princípio.

O *corpus* da nossa pesquisa foi constituído por textos que discursivizam sobre Marina Silva e que foram veiculados na mídia entre os anos de 2009 e 2014, período que inclui: i) a pré-candidatura de Marina à Presidência da República em 2009; ii) a candidatura de Marina à Presidência da República em 2010, pelo PV; iii) a tentativa de conseguir o registro legal do partido político Rede Sustentabilidade

²¹ A noção de sujeito pragmático diz respeito ao indivíduo, ao sujeito falante. Segundo Pêcheux (1983a, p.33), o sujeito pragmático é “cada um de nós, os ‘simples particulares’ face às diversas urgências de sua vida”.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

em 2013; iv) a candidatura à vice-presidência na chapa com Eduardo Campos em 2014; v) a candidatura à Presidência da República em 2014, pelo PSB.

Dessa forma, analisamos sequências discursivas retiradas de textos (reportagens, entrevistas, notícias) que circularam em diferentes veículos de comunicação²² entre 2009 e 2014, e que discursivizam sobre o sujeito pragmático Marina Silva no cenário das eleições presidenciais no Brasil. Destacamos que o *corpus* da pesquisa foi construído com a colaboração de pesquisadores (professores, alunos de Iniciação Científica, mestrandos e doutorandos) do GPADis e faz parte do banco de dados do Laboratório de Pesquisa em Análise de Discurso (LAPADis/Uesb), constituído de textos que circulam em diferentes suportes midiáticos sobre homens e mulheres que atuam nas esferas de poder político do Brasil: executivo, legislativo e judiciário.

Neste trabalho, entretanto, não apresentamos os resultados das análises de todas as sequências discursivas que constituem o *corpus*, dado o limite de caracteres. Operamos, portanto, um recorte e selecionamos, por considerarmos importante, o resultado da análise de três sequências discursivas: a primeira foi retirada da reportagem intitulada “O trator Marina”, publicada em agosto de 2009 na revista Istoé; a segunda foi retirada da reportagem intitulada “Os sonhos de Marina”, publicada em junho de 2010 também na Istoé; a terceira foi retirada de uma matéria intitulada “A terceira utopia”, publicada em agosto de 2014 na Folha de S.Paulo.

Com a finalidade de desenvolvermos a análise dos dados selecionados, mobilizamos conceitos do quadro teórico da Análise de Discurso, inaugurada por Pêcheux, e dialogamos com áreas do campo das ciências humanas, sociais e aplicadas. Ressaltamos que, neste trabalho, não apresentamos um tópico específico para a discussão do arcabouço teórico que sustentou a pesquisa desenvolvida, uma

²² Os textos que constituíram o nosso *corpus* foram veiculados em revistas (Veja, Istoé, Rolling Stone, Época, Carta Capital), jornais (O Globo, Tribuna do Norte, Estadão, Folha de S.Paulo, El País, Último Segundo), portais (Uol, G1) e blogs (Blog da Marina).



vez que julgamos pertinente mobilizar e explicar determinados conceitos na medida em que eles forem necessários para o desenvolvimento das análises.

Posição-sujeito utópico e efeitos-sentido de utopia: resultados e discussão

Tomando como base as três sequências discursivas abaixo apresentadas, analisamos os diferentes efeitos-sentido de utopia identificados nos textos que discursivizam sobre Marina Silva.

A primeira sequência discursiva a ser analisada trata do ingresso da então senadora Marina Silva no Partido Verde (PV), momento no qual ela se deparou com vários problemas na legenda, principalmente financeiros, como irregularidades na prestação de contas, falsificação de notas fiscais e supostos desvios de recursos do Partido para as contas pessoais de alguns dirigentes, por exemplo. Vejamos:

(1) A senadora Marina Silva (AC) nem mesmo assinou a ficha de filiação ao Partido Verde - a festa está programada para o dia 30 - e já descobriu que tem mais coisas erradas na legenda do que divergências ideológicas ou problemas na direção partidária. [...] “Aconteceram algumas besteiras. Teremos que pagar o preço da inexperiência”, avalia Penna. Besteiras ou não, o certo é que Marina poderá constatar se é ou não possível manter a utopia política diante da realidade partidária. Ante essa realidade, as questões ideológicas ficaram menores. (ISTOÉ, 26/08/2009, grifo nosso).

Na materialidade apresentada, é (re)produzido um efeito de dúvida acerca da possibilidade de manutenção da utopia. Não se sabe, ao certo, se é praticável conciliar as convicções políticas e as questões práticas que a realidade impõe. Essa incerteza remete à dificuldade em acreditar ser possível preservar a utopia diante da realidade, e indica que se trata de uma questão na qual não há consenso.

Em 1, o uso da conjunção “ou”, que aponta para uma relação de alternância, permite-nos identificar o funcionamento de duas posições-sujeito.



Antes de discuti-las, é importante explicarmos, brevemente, o modo como a noção de sujeito é pensada no interior da AD e como, a partir dela, a noção de posição-sujeito é mobilizada por Pêcheux.

Tomando como base a tese de Althusser de que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, Pêcheux (1975, p.147) defende que “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes.”²³. Assim,

O funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas (PÊCHEUX, 1975, p. 149).

Como se vê acima, a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se dá pela identificação do sujeito com a formação discursiva (FD) que o domina, ou seja, na qual ele é constituído como sujeito (Pêcheux, 1975). Na perspectiva pecheutiana, compreende-se que, “sob a *evidência* de que ‘eu sou realmente eu’ [...], há o processo da interpelação-identificação que *produz* o sujeito no lugar deixado vazio” (Pêcheux, 1975, p. 145). É a partir disso que se pode pensar acerca de uma

²³ Em *Semântica e Discurso*, Pêcheux (1975, p.147) esclarece que a formação discursiva é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.). Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...]”. Em relação à formação ideológica, Haroche, Henry e Pêcheux (2007, p. 26) afirmam que “falaremos de *formação ideológica* para caracterizar um elemento suscetível de intervir – como uma força confrontada a outras forças – na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado. Cada formação ideológica constitui desse modo um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas em relação às outras. [...] as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* [...]”



posição-sujeito, ou seja, de um sujeito enquanto lugar (posição) no interior de determinada FD. Dessa forma,

Abandona-se, na AD, a noção psicológica de sujeito empiricamente coincidente consigo mesmo. O que há são posições do sujeito. O sujeito é estruturalmente dividido desde sua constituição e só tem acesso a parte do que diz. A falha o constitui, assim como a falha constitui a língua. Espaço da interpretação, instância ideológica. O sujeito é pensado discursivamente como posição entre outras. Não é uma forma de subjetividade mas um lugar que ocupa para ser sujeito do que diz. Acontece que o modo pelo qual ele se constitui sujeito não lhe é acessível, ele não tem acesso direto à exterioridade que o constitui (ORLANDI, 1998, p. 12).

O sujeito de que fala a AD, como se vê, não é da ordem do empírico e não é definido por seu conteúdo psicológico. Não se trata de uma concepção segundo a qual o sujeito pragmático diz o que quer e é a origem do sentido. Ao contrário, na abordagem da AD, o que o sujeito diz e os sentidos que são atribuídos a esse dizer estão relacionados com a FD na qual o sujeito está inserido.

Feitas essas considerações, identificamos, na sequência discursiva 1, como dissemos, duas posições-sujeito: na primeira, é possível ter uma utopia política e lidar com questões relacionadas à realidade partidária; na segunda, essa vinculação não é possível. Em 1, a conjunção “ou” não exprime o sentido de incompatibilidade entre conceitos; na verdade, ela indica a existência de duas posições-sujeito concorrentes.

É possível identificar também, na sequência discursiva analisada, uma oposição entre utopia e realidade, que será retomada, de modo distinto, na sequência discursiva 2 apresentada neste trabalho, como mostraremos adiante. Em se tratando especificamente do excerto 1, essa oposição produz dois efeitos diferentes: no primeiro, há um distanciamento entre a utopia e a realidade, de modo que não é possível manter a utopia nas situações reais com as quais é necessário lidar; no segundo, a utopia pode ser mantida mesmo diante da realidade.



Vejam, então, a próxima sequência discursiva:

(2) Com propostas que fazem parte do imaginário dos eleitores e um tom de utopia, a candidata do PV faz campanha que lembra o PT dos anos 80 e encanta os mais jovens. Mas pode ser atropelada pela realidade do País (ISTOÉ, 09/06/2010).

No excerto 2, que se refere à eleição presidencial de 2010, pontua-se que as propostas políticas apresentadas por Marina Silva possuem teor utópico, fascinam os mais jovens e correspondem àquilo que os eleitores idealizam: o uso da expressão “imaginário” faz referência ao que existe na imaginação. Compreende-se, assim, que há uma sintonia entre aquilo que é proposto pela candidata e os anseios dos eleitores.

A sequência discursiva também aponta uma associação entre a campanha da candidata e o Partido dos Trabalhadores (PT) dos anos 80. Identificamos, assim, uma memória²⁴ acerca do que era o PT nos anos 80, ou, mais precisamente, de como o PT dos anos 80 pode ser associado à utopia. A fim de entendermos melhor essa associação, é importante esclarecermos, brevemente, alguns aspectos em relação ao modo como o PT se constituiu.

De acordo com Secco (2011), diante de greves massivas dos operários do ABC no final da década de 70, debatia-se a possibilidade de se criar um novo partido político que atendesse aos interesses dos trabalhadores. Diante disso, o PT foi fundado no dia 10 de fevereiro de 1980, em São Paulo.

Na *Carta de Princípios* do Partido dos Trabalhadores, lançada em 1º de maio de 1979 pela Comissão Nacional Provisória, consta que: i) as empresas estatais devem atuar, de fato, no atendimento das necessidades do povo; ii) a

²⁴ No nosso trabalho, compreendemos a memória tal como Pêcheux (1983b, p.56), para quem a “[...] memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra discursos”.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

emancipação dos trabalhadores deve ser feita pelos próprios trabalhadores, que devem organizar-se a fim de consolidar a democracia; iii) a participação do Partido nas eleições objetiva incentivar e fortalecer a organização das massas exploradas; iv) o Partido objetiva organizar politicamente os trabalhadores urbanos e rurais; v) o Partido se constituirá com base no respeito ao direito das minorias de manifestar seus pontos de vista.

Do mesmo modo, o *Manifesto*, publicado em 21 de outubro de 1980, indica que o surgimento do PT se deve à necessidade de intervir nos aspectos sociais e políticos do País a fim de transformá-lo, bem como de oferecer independência política aos trabalhadores. Nessa perspectiva, o Partido almeja que as riquezas naturais do Brasil sejam colocadas a serviço do bem-estar da coletividade.

A partir das considerações acima apresentadas, podemos recuperar a associação entre o PT dos anos 80 e a utopia. No momento inicial de formação e estruturação do Partido, os valores que estavam na sua base correspondiam à valorização do bem comum e à luta pelos direitos dos trabalhadores. Diante da realidade que se impunha na época, o Partido se mostrou disposto a dar voz às reivindicações dos operários e contribuir para mudar o cenário vigente.

Isso nos permite afirmar que, na década de 80, a posição-sujeito utópico²⁵ funcionava dentro do PT, se considerarmos essa posição como ligada à possibilidade de alinhar utopia política e realidade partidária. Essa associação é possível porque, no cenário da década de 80, o Partido tinha em suas bases valores relacionados a melhorias sociais que beneficiassem, especialmente, os grupos menos favorecidos. Assim, mesmo diante da realidade na qual o Partido estava inserido, a utopia presente no PT impulsionou a organização e mobilização do Partido em prol das questões sociais.

²⁵ Já discutimos, na análise da sequência discursiva 1, o fato de que, na perspectiva da AD, o sujeito é ideologicamente interpelado. Assim, o sujeito não pode ser concebido no âmbito do pragmatismo e na esfera da consciência; trata-se, na verdade, de uma posição-sujeito. É a partir da abordagem proposta por Pêcheux que tratamos da posição-sujeito utópico no nosso trabalho.



Ainda na sequência discursiva analisada, o uso do “mas” introduz a ideia de que, apesar de o programa político da candidata Marina apresentar propostas que correspondem ao que os eleitores almejam, e trazer à lembrança, positivamente, o modo como o PT se constituiu no início da década de 80, ele pode ser rechaçado quando confrontado com a realidade da Nação. Na sequência discursiva, a oposição entre utopia e realidade produz um efeito de inconsistência: o plano de governo da candidata não é sólido o suficiente para atender às demandas nacionais.

A oposição entre utopia e realidade, que já foi materializada na sequência discursiva 1, aparece também na 2. No entanto, os efeitos dessa oposição são diferentes nas duas materialidades analisadas. Na sequência discursiva 2, a oposição entre os dois termos produz o efeito de falta de consistência nas propostas dos candidatos que se identificam²⁶ com a posição-sujeito utópico, a exemplo de Marina.

A terceira e última sequência discursiva analisada neste trabalho trata da representação da utopia nas eleições presidenciais do Brasil, por meio de uma referência aos ex-presidentes Lula e FHC, bem como à candidata Marina Silva.

(3) No Brasil, os eleitores procuram administradores, gerentes, quando se trata de disputas municipais e estaduais. **Nas eleições presidenciais, contudo, buscam a personificação de uma utopia possível. FHC e Lula chegaram ao Planalto nas asas de**

²⁶ O processo de identificação a que fizemos referência é explicado por Pêcheux (1975), que discute, da perspectiva da AD, as modalidades discursivas do funcionamento subjetivo. Para o autor, a interpelação supõe um desdobramento entre o sujeito enunciador e o sujeito universal e pode assumir diferentes modalidades: identificação, contra-identificação e desidentificação. Em se tratando da identificação, especificamente, Pêcheux (1975, p. 199) afirma que ela corresponde a um recobrimento entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, “de modo que a ‘tomada de posição’ do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do ‘livremente consentido’”. No entanto, é importante ressaltarmos que essa discussão sobre o processo de identificação está relacionada, em Pêcheux (1975), com a questão das formações discursivas. Por isso, é necessário operarmos um deslocamento a fim de que seja possível associar a identificação à questão da posição-sujeito e, mais especificamente, à posição-sujeito utópico. É somente a partir desse deslocamento que podemos afirmar que, de acordo com o que é discursivizado na sequência discursiva 2, alguns sujeitos pragmáticos, como a candidata Marina Silva, identificam-se com a posição-sujeito utópico.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

grandes ambições. Hoje, é Marina quem aparece como a representação de uma ruptura profunda. A utopia associada a FHC pode ser sintetizada pelas ideias de estabilização e modernização. Desde o segundo mandato tucano, porém, o PSDB abandonou a trilha das reformas e, sob o fogo da crítica petista, borrou o horizonte utópico com as cores cinzentas da “capacidade gerencial”. [...] **A utopia associada a Lula pode ser sintetizada pelas ideias de igualdade e justiça social.** Inflado pelos ventos de popa da economia mundial, o potencial utópico do lulopetismo durou um mandato mais que o dos tucanos, mas encerrou-se no quadriênio de Dilma Rousseff. [...] **Marina aparece como representação da terceira utopia, tão nitidamente expressa nas Jornadas de Junho de 2013.** (FOLHA DE S.PAULO, 30/08/2014, grifo nosso).

No efeito-sentido identificado em 3, a utopia é praticável, pois está na esfera das possibilidades. É a partir disso que se pode afirmar que, no que diz respeito às eleições presidenciais, particularmente, os eleitores se identificam com candidatos cujas bandeiras apoiam-se na utopia de melhorias para o País.

A expressão “grandes ambições”, utilizada para caracterizar a veemência dos ideais de Lula e FHC, assim como a expressão “ruptura profunda”, que caracteriza os deslocamentos que a candidata Marina representa nas eleições de 2014, indicam que o efeito-sentido de utopia, na sequência discursiva, está relacionado à capacidade de romper com a ordem estabelecida e ousar propor ações enérgicas tendo em vista o progresso da Nação.

Esse funcionamento pode ser identificado na medida em que se verifica que: i) em 3, a vinculação entre FHC e a utopia é construída por meio de uma referência à ideia de estabilização e modernização; ii) no que diz respeito a Lula, a associação com a utopia se dá a partir das ideias de igualdade e justiça social; iii) em relação à Marina, é estabelecida uma associação com as manifestações de Junho de 2013 que tomaram as ruas de diversas cidades brasileiras.

A memória acerca do cenário político brasileiro reatualiza sentidos segundo os quais a estabilidade econômica, o controle da inflação e a modernização de alguns



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

setores nacionais, por meio do Plano Real, por exemplo, foram medidas que contribuíram para os avanços do País e que compõem as marcas do governo FHC. Do mesmo modo, as políticas de redistribuição de renda e a implantação de medidas que beneficiam as classes menos favorecidas caracterizam o governo Lula e são consideradas essenciais para se alcançar uma maior igualdade social e a redução das desigualdades. Na sequência discursiva, materializa-se um discurso que circula na mídia²⁷, segundo o qual há uma coincidência entre as pautas que constituem a agenda política de Marina e as reivindicações apresentadas pelos manifestantes nos protestos²⁸ de Junho de 2013 que ocorreram no Brasil.

Diante disso, notamos que tanto na discursivização sobre Marina Silva, quanto sobre Lula e FHC, há um efeito (re)produzido e que se refere à positividade da utopia, entendida como aquilo que desperta e motiva a busca por melhores condições de vida para a população e para a Nação. O efeito-sentido de utopia está, portanto, relacionado com aquilo que impulsiona a execução de ações que beneficiam o povo e ajudam o País a se desenvolver. Na sequência discursiva 3, é essa utopia que está na base da estabilização conquistada devido às medidas adotadas por FHC, da redução das desigualdades sociais alcançada mediante as políticas implementadas por Lula e das reivindicações por melhorias que marcaram os protestos de Junho e se alinham com o projeto político de Marina.

CONCLUSÕES

A análise das três sequências discursivas apresentadas permitiu-nos identificar diferentes efeitos-sentido de utopia, segundo os quais a utopia: i) estimula as pessoas a desenvolverem projetos e ações; ii) é um elemento propulsor

²⁷ Nas reportagens das revistas que discursivizam sobre Marina Silva, e que constituem o banco de dados do GPADis, há sequências discursivas nas quais é possível identificar esse funcionamento.

²⁸ Na ocasião, milhões de pessoas foram para as ruas de várias cidades brasileiras para reivindicar melhorias em diversos setores, como saúde, educação e segurança.



de mudanças que beneficiam a sociedade brasileira; iii) está na esfera do irrealizável e da abstração, ou seja, é um ideal cuja realização parece improvável.

Esses diferentes efeitos-sentido de utopia (re)produzem um efeito de positivação e de negatvação da candidata Marina Silva e/ou das utopias que caracterizam o seu programa de governo. O efeito de positivação é identificado, por exemplo, na medida em que: i) há uma sintonia entre as propostas utópicas de Marina Silva e os anseios dos eleitores; ii) a utopia associada a Marina é um ideal que impulsiona mudanças relativas ao desenvolvimento do País e motiva a busca por melhores condições de vida para a população. O efeito de negatvação, por sua vez, é verificado, por exemplo, na medida em que: i) há uma distância entre o que a candidata idealiza, ou seja, suas utopias, e aquilo que existe na realidade; ii) as utopias de Marina Silva fazem com que falte efetividade nas suas propostas e ações governamentais.

Nessa perspectiva, o que denominamos como efeito de positivação está relacionado, de modo geral, à possibilidade de considerar Marina Silva apta para ocupar as esferas de poder político e, mais especificamente, o cargo de presidente da república. O efeito de negatvação, por sua vez, está relacionado, de modo geral, à possibilidade de Marina Silva não ser considerada qualificada para ocupar esse lugar nas esferas de poder.

Por fim, destacamos que as análises também indicaram que a posição-sujeito utópico é a posição com a qual os indivíduos se identificam para operar mudanças na sociedade; é a posição segundo a qual é possível desenvolver certas ações que modifiquem positivamente a organização social e política de um povo. Desse modo, os resultados das análises indicaram o funcionamento de uma posição-sujeito utópico imbricada com efeitos-sentido de utopia.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

REFERÊNCIAS

- HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, B.L. (Org.). **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, p. 13-31.
- ORLANDI, E.L.P. O próprio da Análise de Discurso. In: **Escritos**: Discurso e Política. Campinas: Labeurb, n. 3, 1998.
- PARTIDO DOS TRABALHADORES. **Carta de Princípios**. 1979. Disponível em: <<https://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2014/03/cartadeprincipios.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2014.
- _____. **Manifesto**. 1980. Disponível em: <<https://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2014/04/manifestodefundacaopt.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2014.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009. Edição original:1975.
- _____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2006. Edição original: 1983.
- _____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Orgs.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007. p. 49-56. Edição original: 1983b.
- SECCO, L. **História do PT**. Cotia: Ateliê, 2011.